



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília  
*Campus Riacho Fundo*  
Licenciatura em Letras - Inglês

## **TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

CRISTIAN SANTOS COSTA

**TRADUÇÃO CULTURAL NO ENSINO DE INGLÊS:**  
estratégias para abordar expressões culturais em sala de aula.

Brasília  
2025



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília  
*Campus Riacho Fundo*  
Licenciatura em Letras - Inglês

CRISTIAN SANTOS COSTA

**TRADUÇÃO CULTURAL NO ENSINO DE INGLÊS:**  
estratégias para abordar expressões culturais em sala de aula.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de licenciatura em Letras, pelo Curso de Letras - Inglês do Instituto Federal de Brasília.

Orientador (a): Prof<sup>ª</sup> Ma. Giordana dos Santos Sperandio

Brasília  
2025

CRISTIAN SANTOS COSTA

**TRADUÇÃO CULTURAL NO ENSINO DE INGLÊS:**  
estratégias para abordar expressões culturais em sala de aula

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Inglês do campus Riacho Fundo do Instituto Federal de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras - Inglês.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup> Ma. Giordana dos Santos Sperandio  
Orientador(a)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Bruna Lourenção Zocaratto  
Avaliadora 1

---

Prof. Dr. Newton Vieira Lima Neto  
Avaliador 2

Brasília  
2025

## RESUMO

O ensino de língua inglesa nos dias de hoje demanda uma abordagem que ultrapasse a compreensão gramatical, integrando aspectos culturais, expressões idiomáticas e referências culturais. Assim, este trabalho tem como objetivo geral analisar o papel da tradução cultural no ensino de inglês. Apesar do crescente debate sobre práticas pedagógicas decoloniais, observa-se que as propostas que utilizam a tradução cultural com essa finalidade ainda são pouco sistematizadas e de difícil acesso para docentes da educação básica. Nas escolas brasileiras, prevalece um ensino centrado nas variantes estadunidense e britânica, em desacordo com a diversidade global do inglês. O estudo justifica-se pela necessidade de reunir e analisar argumentos que defendem práticas mais inclusivas de ensino de inglês, contrapondo-se à hegemonia do eixo EUA-Reino Unido, assim como pela pretensão em organizar um compilado de propostas práticas aplicáveis por professores em formação ou atuação. A pesquisa adotou metodologia bibliográfica, com revisão de literatura publicada entre 2015 e 2025, selecionada por critérios de relevância e aplicabilidade ao contexto escolar. Chegou-se ao resultado de que o ensino de inglês pode extrapolar as variantes hegemônicas por meio da tradução cultural, possibilitando uma abordagem mais ampla do idioma. Os resultados adquiridos como a contextualização de expressões do inglês nigeriano em comparação ao inglês das variantes mais comuns, ou a adaptação de legendas filmicas com base na teoria funcionalista de Nord (1997) confirmam que o uso consciente e reflexivo da tradução cultural contribui para formar educandos mais sensíveis à diversidade linguística e cultural.

**Palavras-Chave:** tradução cultural; ensino de inglês; cultura; expressões culturais; Linguística Aplicada.

## ABSTRACT

Contemporary English language teaching requires an approach that goes beyond grammatical comprehension, integrating cultural aspects, idiomatic expressions, and culturally grounded references. Despite the growing debate surrounding decolonial pedagogical practices, proposals that employ cultural translation for this purpose remain insufficiently systematized and difficult for basic education teachers to access. In Brazilian schools, instruction continues to prioritize U.S. and U.K. varieties, which contrasts with the global diversity of English. This study is justified by the need to gather and analyze arguments that support more inclusive practices, countering the hegemony of the U.S.-U.K. axis, and seeks to organize a compilation of practical strategies applicable to both pre-service and in-service teachers. Its general objective is to examine the role of cultural translation in English teaching, while its specific objectives include discussing this approach from a decolonial perspective, mapping its definitions in the literature, and identifying pedagogical strategies aimed at teaching cultural elements. The research adopted a bibliographic methodology, reviewing literature published between 2015 and 2025, selected based on relevance and applicability to the school context. The study began with the hypothesis that English teaching can move beyond hegemonic language varieties through cultural translation, enabling a broader approach to the language. The findings such as the contextualization of expressions from Nigerian English in comparison with Standard English, or the adaptation of film subtitles grounded in Nord's (1997) functionalist theory confirm that the conscious and reflective use of cultural translation contributes to shaping learners who are more sensitive to linguistic and cultural diversity.

**Key words:** cultural translation; English teaching; culture; cultural expressions; applied linguistics.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>1.2 Objetivos.....</b>	<b>7</b>
<b>1.2.1 <i>Objetivo Geral</i>.....</b>	<b>7</b>
<b>1.2.2 <i>Objetivos Específicos</i>.....</b>	<b>7</b>
<b>2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>8</b>
<b>2.1 Relação cultural e o contexto educacional.....</b>	<b>8</b>
<b>2.1 O que é cultura e tradução cultural?.....</b>	<b>12</b>
<b>3. METODOLOGIA.....</b>	<b>13</b>
<b>4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS.....</b>	<b>15</b>
<b>4.1 Estratégias didáticas: da teoria à prática.....</b>	<b>16</b>
<b>4.2 O papel do professor como educador intercultural.....</b>	<b>17</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>18</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>20</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O ensino de língua inglesa no contexto contemporâneo exige um olhar que ultrapasse a dimensão meramente gramatical. Em um mundo globalizado, a aprendizagem de uma língua estrangeira implica, necessariamente, a compreensão dos aspectos culturais que permeiam seu uso. Nesse sentido, expressões idiomáticas e referências culturais frequentemente não possuem equivalentes diretos na língua materna, o que demanda estratégias específicas para sua interpretação. Diante desse cenário, a tradução cultural apresenta-se como um recurso essencial para auxiliar os estudantes na compreensão de tais expressões, contribuindo para o desenvolvimento de sua competência linguística e intercultural.

Nota-se no cenário escolar brasileiro a predominância de um ensino de inglês centrado no eixo Estados Unidos-Reino Unido, o que diverge da diversidade linguística e cultural que caracteriza o idioma em âmbito global, bem como vai de encontro às premissas da BNCC, que propõe uma abordagem sociocultural e crítica do ensino de inglês com foco no uso real e contextualizado da língua como ferramenta de comunicação e ação no mundo (Brasil, 2018).

Após cumprir oito semestres no curso de Letras do Instituto Federal de Brasília (IFB), eu notei uma escassez de discussões sobre a diversidade e variação linguística, além de sentir falta da aplicação da tradução cultural nas aulas de inglês. Essa realidade suscita questionamentos e evidencia a lacuna formativa, uma vez que tanto o material didático quanto os conteúdos trabalhados privilegiam um modelo de inglês pautado exclusivamente nos padrões gramaticais, discursivos e fonológicos estadunidenses e britânicos.

Embora os planos de ensino muitas vezes sigam diretrizes conteudistas rígidas, a Lei de Diretrizes e Bases (Brasil, 1996) assegura aos docentes a autonomia necessária para propor adaptações metodológicas, permitindo a inclusão de variedades linguísticas que promovam a pluralidade da língua inglesa.

Diante desse contexto, e considerando a hegemonia das variantes estadunidense e britânica no ensino da língua, a pesquisa busca responder à

seguinte questão: de que forma a literatura acadêmica dos últimos 10 anos sobre tradução cultural propõe estratégias pedagógicas para a abordagem de elementos culturais sob um viés decolonial? Para responder a tal indagação, a presente pesquisa se justifica pela necessidade de reunir e analisar argumentos que defendem um ensino de inglês mais inclusivo e decolonial, contrapondo-se à hegemonia do eixo EUA-Reino Unido. Essa investigação pretende mapear estratégias apresentadas por diversos estudiosos, a fim de organizar um compilado de propostas práticas que possam ser utilizadas por professores em formação ou em exercício, possibilitando-lhes ampliar o repertório pedagógico.

## **1.2 Objetivos**

### **1.2.1 Objetivo Geral:**

Analisar o papel da tradução cultural no ensino de inglês, com ênfase no tratamento de expressões idiomáticas e elementos culturais em sala de aula.

### **1.2.2 Objetivos Específicos:**

Para alcançar o objetivo geral proposto, definiram-se os seguintes objetivos específicos:

- Mapear, na literatura acadêmica, as diferentes definições e abordagens do conceito de tradução cultural;
- Discutir o papel da tradução cultural no ensino de línguas sob a perspectiva decolonial.
- Identificar e analisar propostas de estratégias pedagógicas para o ensino de elementos culturais e expressões idiomáticas, descritas por pesquisadores em artigos e livros.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta seção tem como objetivo apresentar as principais definições teóricas que embasam a discussão sobre a tradução cultural e sua aplicação no ensino de língua inglesa. Entende-se que o ato de traduzir ultrapassa a mera transposição linguística, configurando-se como um processo de mediação entre diferentes sistemas culturais e simbólicos (Bassnett, 2002; Venuti, 1995). Nesse sentido, a tradução cultural torna-se uma ferramenta relevante no contexto educacional, uma vez que possibilita ao aprendiz refletir sobre as relações entre língua, cultura e identidade. Assim, serão discutidos os conceitos fundamentais de tradução e cultura, a interdependência entre linguagem e práticas sociais, e as estratégias pedagógicas que favorecem o trabalho com expressões culturais em sala de aula.

### 2.1 Relação cultural e o contexto educacional

A cultura permanece uma questão bastante debatida no ensino de língua estrangeira, envolvendo o currículo, os professores e os discentes. (Byrnes, 2002; Kramsch, 1993, 1997, 1998; Lange; Paige, 2003; Risager, 2006, 2007).

Na visão de Kramsch (2017), os currículos escolares tradicionalmente separam as aulas de língua ensinadas na língua estrangeira (L2) daquelas de literatura ou cultura (praticadas na L2 ou na língua materna do educando (L1)). Por influência da abordagem comunicativa, promovida pelos estudos do inglês como segunda língua comunicativa (*English as a Second Language*), o ensino voltado para a competência muitas vezes se distancia do ensino literário, que enfatiza a interpretação e a tradução.

A autora observa que, nesse modelo, o ensino de língua transmite a cultura com “c” minúsculo (práticas cotidianas), enquanto a literatura trata da cultura com “C” maiúsculo (produção intelectual). Essa dicotomia gera desafios: muitos alunos sentem sua identidade ameaçada pelo excesso de foco cultural descontextualizado, chegando a afirmar que não desejam que a cultura lhes seja imposta "goela abaixo" (Chavez, 2002, p. 129). Tal resistência evidencia a necessidade de abordagens que integrem língua e cultura de forma orgânica, e não impositiva.

Essa perspectiva fundamenta a noção de tradução cultural proposta pela autora, que é construída a partir de vivências em contextos multilíngues, especialmente fora dos países anglófonos.

Para sustentar essa abordagem intercultural, faz-se necessário adotar uma definição de cultura que rompa com limites geográficos rígidos. Nesse sentido, Pereira (2016) oferece um conceito dinâmico que dialoga diretamente com a proposta de um ensino sem fronteiras hegemônicas:

Um conjunto de significados, construídos sócio historicamente, que dão sentido à realidade humana, sendo, portanto, um construto social fluido. Esta “cultura” perpassa as “barreiras” geográficas, políticas e virtuais dos territórios tidos como nacionais através de fluxos culturais, sendo significada e ressignificada constantemente através do diálogo. Cultura, neste sentido, significa, simboliza, e compõe a identidade humana e as relações pragmáticas construídas pelos indivíduos envolvidos no ato da interação. (Pereira, 2016, p. 20).

Sob a luz dessa definição dinâmica trazida por Pereira, é possível aprofundar a análise proposta por Martins (2016). Ao afirmar que os contatos linguísticos entre diferentes povos e etnias refletem a dinâmica do mundo globalizado, o autor alerta que tais encontros nem sempre ocorrem de maneira harmoniosa, evidenciando que a língua pode atuar tanto como meio de expressão quanto como instrumento de silenciamento. Essa complexidade dialoga com Oliveira (2021), que entende a interculturalidade como resultado de processos históricos marcados pelas colonizações e defende que língua e cultura devem ser compreendidas em sua totalidade, pois o contato com práticas culturais por meio do idioma amplia o repertório crítico do aprendiz, favorecendo atitudes de respeito, empatia e até mesmo despertando fascínio pelas tradições de outros povos. Nesse mesmo sentido, Kramsch (2017) concebe a cultura como um conjunto de experiências históricas e subjetivas que moldam o indivíduo, fundamentando sua noção de tradução cultural nas vivências adquiridas em países sem o inglês como idioma oficial. Assim, ao relacionar essas perspectivas, torna-se evidente que a aprendizagem de línguas envolve processos complexos de interação cultural que podem reforçar e transformar identidades, exigindo uma postura crítica e reflexiva no contexto educacional.

No contexto escolar brasileiro, essa discussão é urgente, especialmente no que tange à língua inglesa. O idioma é componente curricular obrigatório a partir do 6º ano, conforme a BNCC (Brasil, 2018, p. 10-22). Para além da obrigatoriedade, nota-se a onipresença do inglês nas mídias sociais, músicas, filmes e jogos, fruto da hegemonia exercida pelas potências anglófonas.

No âmbito pedagógico, Branco (2023) justifica que o ensino deve articular momentos teóricos e práticos, gerando análise e discussão sobre a teoria estudada.

Quanto à aplicação em sala de aula, a autora ressalta que, para as atividades de tradução serem bem-sucedidas, faz-se necessário um planejamento prévio que envolva os níveis sintático, semântico e pragmático. Essa abordagem deve abranger as quatro habilidades de comunicação (escuta, fala, leitura e escrita), associadas a contextos variados, como a literatura, o cinema, a internet e a própria vivência dos estudantes. Ao cumprir esses requisitos, a atividade de tradução oferece possibilidades de engajamento e produção com resultados satisfatórios, fomentando discussões enriquecedoras para todos.

Essa preocupação com o planejamento encontra respaldo em Malmkjaer (1998). Segundo a autora, a atividade de tradução pode desvalorizar o ensino de LE caso não seja bem estruturada ou se focalizar apenas na tradução literal de palavras. Portanto, a prática da tradução deve ser inserida em atividades específicas que englobam as quatro habilidades linguísticas. Dessa maneira, aumentam-se as chances de engajamento dos estudantes, que se sentem desafiados e motivados a resolver os problemas propostos.

Para dar suporte teórico a essa prática contextualizada, recorre-se à teoria funcionalista de Nord (1997). A autora afirma que o processo tradutório não deve ser guiado apenas pelas palavras do original, mas sim pelo escopo, ou seja, a finalidade que o texto traduzido terá no contexto de chegada. Nessa perspectiva, é necessário analisar os fatores intratextuais e extratextuais para estabelecer o equilíbrio entre o texto-fonte e o texto-alvo. Assim, a tradução deixa de ser mecânica e passa a estabelecer uma relação linguístico-cultural funcional, adequada ao seu propósito comunicativo. Ao colocar esses autores em diálogo, percebe-se uma evolução no tratamento do tema. A abordagem contemporânea de Branco (2023) não contradiz, mas expande as perspectivas anteriores. Enquanto Malmkjaer (1998) preocupava-se legitimamente com os riscos de uma tradução mecânica (focada apenas na

substituição de palavras), Branco (2023) demonstra que, quando bem planejada, a tradução supera esse risco e vira ferramenta cultural.

Trazendo a discussão para o contexto de um curso de Letras - Inglês, Branco (2023) argumenta que a tradução se faz presente quando os futuros educadores lidam com aspectos linguísticos e culturais. Nesse processo, o licenciando deve mobilizar tanto o conhecimento acadêmico quanto a bagagem de sua própria cultura e da cultura estrangeira, justificando, discutindo, comparando e descrevendo escolhas tradutórias de acordo com suas necessidades, propósitos e conhecimentos.

Para compreender a profundidade dessa tarefa, é fundamental recorrer à distinção proposta por Katan (2004). O autor diferencia cultura de aprendizagem: enquanto cultura é vista não como um produto, mas como algo internalizado e adquirido inconscientemente pela vivência em sociedade, a aprendizagem é um processo formal e consciente. Essa distinção impõe ao professor o desafio de ensinar conscientemente algo (a cultura) que, para o falante nativo, é natural e inconsciente.

Nesse viés, Ferreira (2024) considera a tradução cultural como um trabalho de localização e adaptação, destinado a atender às particularidades de um país específico. Seja na sala de aula ou no mercado profissional, a tradução depende essencialmente da interpretação do tradutor. Tal interpretação, por sua vez, é única, sendo altamente influenciada pelo histórico e pelas vivências daquele que se propõe a traduzir e mediar culturas.

Essa lacuna na formação reverbera na prática apontada por Pym (2010). Segundo o autor, ainda existe uma escassez de debates sobre os fundamentos da tradução cultural no ensino de idiomas, sendo um tema muitas vezes restrito aos especialistas da Linguística Aplicada. Pym (2010) argumenta que muitos docentes de inglês ainda demonstram resistência em tratar dessa metodologia com a devida seriedade em sala de aula, vendo-a como um tabu.

Contra-pondo-se a essa resistência e ampliando o escopo do debate, Ferreira (2024) conceitua a tradução cultural como um ato humanizado, essencial para a comunicação. O autor utiliza termos como “adaptação cultural”, “abordagem cultural” e “localização” para descrever esse processo. Nessa perspectiva, a prática tradutória confere ao docente autonomia pedagógica para adaptar o conteúdo às necessidades e à realidade dos alunos - e não de forma arbitrária.

Da mesma forma, o profissional de tradução adapta o texto original respeitando o escopo (finalidade) e o público-alvo. Nesse processo, gírias e expressões idiomáticas são transpostas para aquela realidade cultural específica, valorizando a cultura de chegada e promovendo maior identificação do público com a obra.

## **2.2 O que é cultura e tradução cultural?**

Kramersch (2017) compreende a cultura como um conjunto de experiências históricas, sociais e subjetivas que moldam a forma como os indivíduos enxergam o mundo. Para a autora, a língua não pode ser entendida como um sistema arbitrário dissociado da realidade social, pois é por meio dela e de outros sistemas simbólicos que práticas, crenças e instituições deixam de ser meros fatos observáveis para se constituírem como fenômenos culturais. A partir de suas vivências em contextos onde o inglês não é língua oficial, Kramersch (2017) evidencia que elementos cotidianos, como hábitos alimentares, formas de organização social e estilos de vida, só adquirem sentido cultural quando mediados pela linguagem.

Essa perspectiva dialoga com os estudos de Bassnett (2002) e Venuti (1995), que situam a cultura como eixo central dos Estudos da Tradução. Para esses autores, traduzir implica lidar com identidades, valores e práticas socioculturais, o que desloca a tradução de uma atividade meramente técnica para uma prática crítica. No campo educacional, essa compreensão amplia o papel da tradução cultural, que passa a atuar como ferramenta pedagógica capaz de promover a reflexão crítica sobre as relações entre língua, poder e cultura.

Para refinar essa definição, é fundamental recorrer a Pym (2010), que dedica uma análise específica ao termo “tradução cultural”. O autor diferencia a tradução linguística tradicional (focada em equivalências de texto) da tradução cultural, a qual transcende a materialidade do papel. Segundo Pym (2010), no paradigma da tradução cultural, o foco desloca-se do texto para os processos de negociação de identidade e hibridismo, especialmente em contextos pós-coloniais. Assim, a tradução cultural não é apenas explicar uma cultura para outra, mas um ato de transformação onde o sujeito (neste caso, o aprendiz) renegocia sua posição no mundo ao interagir com o “estrangeiro”.

De modo complementar, Oliveira (2021) defende a diversidade cultural como uma construção sócio-histórica marcada pelos processos de colonização, enfatizando a indissociabilidade entre língua e cultura. Para a autora, aprender uma língua estrangeira implica ampliar o repertório cultural do sujeito, permitindo-lhe desenvolver senso crítico, respeito às diferenças e empatia. Nesse cenário, Garcia e Neves (2016) contribuem ao conceituar a interculturalidade como uma ação de mediação entre culturas, cujo objetivo é promover uma convivência não hierarquizada entre diferentes povos. Branco (2023) reforça essa abordagem ao defender a tradução como instrumento de transmissão cultural e difusão do conhecimento. A autora argumenta que traduzir vai além da busca por equivalências lexicais, envolvendo a apresentação de uma visão ampla do idioma estrangeiro. Ao rejeitar a noção de um “inglês correto”, Branco (2023) problematiza os resquícios da herança colonial no ensino de línguas e defende a valorização da autenticidade linguística dos falantes. Por sua vez, Ferreira (2024) conceitua a cultura como criação humana resultante de condições históricas, reforçando a relevância da tradução cultural no ensino como meio de acesso a diferentes formas de significar o mundo.

Diante do exposto, este trabalho filia-se à perspectiva de Branco (2023) e Pym (2010), definindo a tradução cultural não como simples transferência linguística, mas como um processo pedagógico e simbólico de mediação. Trata-se de uma prática que envolve a interpretação, negociação e ressignificação de valores e identidades. Essa postura contrapõe-se à herança colonial e afasta-se da visão de Katan (2004) de que a cultura seria um processo apenas internalizado e não ensinável. Defende-se aqui a tese de que a cultura deve, sim, ser objeto de ensino explícito, garantindo aos estudantes um repertório ampliado sobre a língua inglesa.

### **3. METODOLOGIA**

O presente trabalho caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa e descritiva, elaborada com base nas diretrizes de Gil (2002) que entende esse tipo de pesquisa como um procedimento metodológico fundamentado no levantamento e na análise de materiais já publicados, tais como livros, artigos científicos, teses, dissertações e documentos acadêmicos, que tratam do tema investigado. A finalidade consistiu em investigar a produção acadêmica de

pesquisadores e especialistas da área, mapeando propostas e estratégias didático-pedagógicas para o ensino de cultura por meio da tradução cultural. O levantamento bibliográfico compreendeu publicações do intervalo temporal de 2015 a 2025, priorizando trabalhos redigidos em português e inglês. A coleta de dados foi realizada nas seguintes bases: SciELO, Google Acadêmico, Portal de Periódicos da CAPES e repositórios Institucionais.

As buscas foram conduzidas mediante o uso das seguintes palavras-chave: "tradução cultural" AND "ensino de inglês"; "cultural translation" AND "ELT"; "intercultural competence". Foram aplicados filtros de inclusão e exclusão, selecionando-se apenas artigos completos e capítulos de livros que apresentassem propostas práticas do uso da tradução cultural relacionadas ao contexto escolar.

Na etapa de triagem inicial, foram identificados mais de cem títulos. Observou-se que aproximadamente 70% dos estudos eram de autoria estrangeira. No entanto, para a constituição do corpus de análise, optou-se por priorizar trabalhos que dialogassem diretamente com a realidade educacional brasileira, mantendo-se os textos estrangeiros como suporte para o referencial teórico e conceitual.

O processo de curadoria seguiu etapas sistemáticas de leitura exploratória (títulos e resumos) e seletiva (leitura integral). Foram excluídos trabalhos que apenas tangenciavam os temas centrais sem apresentar aplicabilidade pedagógica. Após esse rigoroso processo de filtragem, foram selecionados seis artigos acadêmicos que compuseram o *corpus* final. Esses textos foram escolhidos por atenderem plenamente aos critérios de apresentar definições pertinentes e estratégias concretas de aplicação em sala de aula.

Para a análise, os materiais foram catalogados eletronicamente. Procedeu-se, então, a uma leitura analítica, na qual as citações e estratégias relevantes foram destacadas para subsidiar a discussão dos resultados.

Justifica-se esse recorte metodológico pelo fato de o tema ser específico e as propostas práticas se encontrarem dispersas na literatura. Assim, esta revisão sintetiza e organiza o conhecimento existente, aumentando o alcance do tema e tornando-o acessível a professores e futuros pesquisadores.

#### 4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

A presente seção dedica-se à análise e discussão dos aportes teóricos mobilizados a partir das obras que compõem o corpus desta pesquisa, com ênfase na aplicabilidade das estratégias pedagógicas voltadas ao ensino de línguas sob uma perspectiva intercultural. Parte-se do entendimento de que a tradução cultural não se limita à transposição linguística entre códigos, mas constitui-se como um processo de negociação de sentidos, identidades e valores socioculturais (Kramsch, 1993; Pym, 2010). Nessa perspectiva, a língua é compreendida como prática social situada, atravessada por aspectos históricos, ideológicos e culturais.

A discussão organiza-se em dois eixos principais: (i) as propostas didáticas para o ensino de expressões culturalmente marcadas e (ii) a reconfiguração do papel do professor no ensino de línguas estrangeiras.

No primeiro eixo, as propostas analisadas evidenciam a necessidade de romper com a concepção de neutralidade no ensino linguístico. Bassnett (2002) compreende a tradução cultural como uma prática social contextualizada, o que implica reconhecer que toda tradução está inserida em um determinado contexto cultural. De modo complementar, Venuti (1995) problematiza a invisibilidade do tradutor, argumentando que toda escolha tradutória envolve posicionamentos ideológicos. No contexto educacional, tais pressupostos teóricos fundamentam práticas pedagógicas que incentivam a leitura crítica de textos, possibilitando que os estudantes reconheçam perspectivas culturais específicas e compreendam a língua estrangeira para além de sua dimensão estrutural.

No segundo eixo, a análise dos estudos de Branco (2023) e Ferreira (2024) aponta para a necessidade de reconfiguração do papel docente. O professor deixa de atuar apenas como transmissor de conteúdos linguísticos e passa a assumir a função de mediador cultural, orientando os discentes na reflexão crítica acerca dos impactos sociais e culturais das escolhas tradutórias. Ao trabalhar com diferentes gêneros textuais, como textos literários, mídias digitais e jogos eletrônicos, o docente amplia as possibilidades metodológicas e aproxima o conteúdo da realidade sociocultural dos alunos.

#### 4.1 Estratégias didáticas: da teoria à prática

Branco (2023) apresenta estratégias pedagógicas relevantes para a utilização da tradução cultural no ambiente escolar, destacando a importância de um planejamento didático que integre as quatro habilidades comunicativas: escuta, fala, leitura e escrita a elementos culturais presentes no cotidiano discente, como cinema, música e conteúdos da internet. A autora defende que a interculturalidade deve ser inserida de forma articulada ao currículo, evitando abordagens superficiais.

Com base nessas proposições, um exemplo prático dessa abordagem consiste no trabalho com expressões idiomáticas de países anglófonos fora do eixo hegemônico, como a Nigéria. O professor pode contextualizar tais expressões por meio de relatos culturais, vídeos ou músicas nigerianas e, posteriormente, solicitar que os alunos interpretem seus significados e busquem possíveis equivalentes na cultura brasileira. Essa prática dialoga com os princípios da tradução funcionalista propostos por Nord (1997), ao considerar o contexto e a finalidade comunicativa, além de promover uma aprendizagem significativa, conforme defendido por Ferreira (2024).

Em consonância com essa perspectiva, Oliveira (2021) defende o uso de estratégias interculturais como meio de desenvolvimento do letramento crítico. A autora propõe a problematização dos efeitos da colonização por meio da abordagem de conteúdos históricos e culturais de países marginalizados no ensino de línguas. Ao discutir temas como o preconceito linguístico e a valorização desigual das variedades do inglês, o docente possibilita que o estudante reconheça a diversidade linguística e desenvolva respeito pelas diferentes manifestações culturais.

Articulando as estratégias de letramento crítico propostas por Oliveira (2021) à concepção de interculturalidade apresentada por Ferreira (2024), esta pesquisa sugere uma aplicação prática voltada ao contexto indiano. Propõe-se uma sequência didática iniciada com a apresentação de um panorama histórico da colonização britânica na Índia, seguida da exibição de vídeos e entrevistas que evidenciam diferentes sotaques e variedades do inglês falado no país.

Após esse momento introdutório, os alunos seriam convidados a comparar o inglês britânico e o inglês indiano, identificando diferenças fonéticas, lexicais e culturais. Em seguida, o professor conduzirá uma discussão orientada por questões como: “Por que algumas variedades do inglês são socialmente valorizadas enquanto

outras sofrem preconceito?” ou “De que forma o processo colonial influenciou o status do inglês na Índia?”. Por fim, os estudantes fariam uma atividade reflexiva, relacionando o preconceito linguístico observado ao contexto brasileiro, promovendo o reconhecimento da pluralidade linguística e o respeito às diferenças culturais.

#### **4.2 O papel do professor como educador intercultural**

A implementação das estratégias discutidas demanda uma postura docente alinhada aos princípios da educação intercultural. Nesse contexto, o professor assume o papel de educador intercultural, indo além da mediação linguística e promovendo reflexões críticas sobre diversidade, identidade e alteridade. Oliveira (2021) destaca que a empatia, a motivação e o estímulo são fundamentais para o engajamento discente no processo de aprendizagem.

Branco (2023) reforça que a exploração de variações linguísticas e manifestações culturais contribui para a desconstrução de visões normativas do chamado “inglês correto”. De forma complementar, Ferreira (2024) enfatiza a autonomia pedagógica do professor, ressaltando que o docente pode selecionar, adaptar e contextualizar os materiais didáticos de acordo com o repertório sociocultural de seus alunos, não se limitando ao uso acrítico do livro didático.

Essa postura ativa mostra-se essencial para superar a resistência mencionada por Pym (2010), que observa que a tradução cultural ainda é frequentemente tratada como um tema secundário no ensino de línguas. Ao integrar práticas interculturais, o professor contribui para a formação de sujeitos críticos, capazes de compreender a língua estrangeira como espaço de negociação cultural e não apenas como instrumento comunicativo.

Contudo, a consolidação desse papel enfrenta desafios significativos no âmbito da formação docente. Observa-se que muitos cursos de licenciatura ainda priorizam abordagens normativas da língua, frequentemente associadas ao ideal do falante nativo, o que dificulta a formação de professores capazes de atuar como mediadores e tradutores culturais. A ausência de uma formação específica voltada à interculturalidade faz com que o docente, muitas vezes, reproduza práticas tradicionais, mesmo reconhecendo teoricamente a importância da diversidade linguística. Dessa forma, a efetivação da tradução cultural no ensino de línguas

depende não apenas da adoção de estratégias didáticas, mas também de processos formativos contínuos que incentivem a reflexão crítica sobre as próprias concepções de língua, cultura e ensino.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho cumpriu o objetivo de analisar o papel da tradução cultural no ensino de língua inglesa, com ênfase no tratamento de expressões idiomáticas e elementos culturais. A revisão bibliográfica permitiu mapear definições teóricas e identificar estratégias pedagógicas capazes de superar a hegemonia do eixo Estados Unidos-Reino Unido.

A pesquisa confirmou a hipótese inicial de que é possível ensinar inglês sem focar apenas nas variantes padrão, visto que o conceito de tradução cultural viabiliza uma abordagem mais ampla e inclusiva. Ao longo da análise, observou-se que a integração de aspectos culturais favorece uma aprendizagem significativa, estimulando o pensamento crítico e o respeito à diversidade, corroborando a premissa levantada no início da investigação.

Os resultados evidenciam que a tradução cultural, quando aplicada de forma reflexiva, contribui para a formação de educandos sensíveis às diferenças. Tal contribuição foi demonstrada por meio de estratégias concretas, como a contextualização de expressões do inglês nigeriano em comparação ao inglês padrão, ou a adaptação de legendas fílmicas com base na teoria funcionalista de Nord (1997). Essas propostas provam que é possível trabalhar conteúdos gramaticais (como o *verb to be*) simultaneamente à valorização da pluralidade linguística, sem hierarquizações.

Conclui-se, portanto, que a tradução cultural desempenha um papel essencial na formação intercultural. O ensino que incorpora essas práticas não apenas desenvolve a competência comunicativa, mas também combate visões estereotipadas, promovendo o reconhecimento das especificidades envolvidas na comunicação global.

Por fim, este Trabalho de Conclusão de Curso serviu como um panorama sistematizado do tema, apontando caminhos para a prática docente. Como sugestão para trabalhos futuros, indica-se a aplicação dessas estratégias em contexto de

pesquisa de campo, visando avaliar empiricamente a recepção de discentes e docentes e o impacto real dessas abordagens no letramento intercultural.

## REFERÊNCIAS

BASSNETT, Susan. **Translation studies**. 3ª ed. New York: Routledge, 2002

BRANCO, Sinara de Oliveira. **Atividades de Tradução em sala de aula de licenciatura em Letras-Inglês: trabalhando os gêneros jornalístico e literário**. 2023. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/68704/36130>. Acesso em: 14 nov. 2025.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em: 20 nov. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017-2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 1 nov. 2025.

BYRNES, Heidi. **The cultural turn in foreign language departments: challenge and opportunity**. Profession, v. 2002, p. 114-129, 2002.

CHAVEZ, Monika. “**We say ‘culture’ and students ask ‘what?’: University students’ definitions of foreign language culture**”. Die Unterrichtspraxis / Teaching German, v. 35, p. 129-140, 2002.

FERREIRA, Gabriel Albuquerque. **Aspectos culturais, mercadológicos e econômicos na tradução e localização de jogos: que relações estabelecem os teóricos?** 2024. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/41953/1/AspectosCulturaisMercadol%C3%B3gicos.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2025.

GARCIA, Gesse Ricardi Batista; NEVES, Josélia Gomes. **A interculturalidade na perspectiva de Catherine Walsh e Fidel Tubino**. Revista Pedagogia - UFMT, n. 5, p. 1-11, jul./dez. 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2002 Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo\\_C1\\_como\\_elaborar\\_projeto\\_de\\_pesquisa\\_-\\_antonio\\_carlos\\_gil.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf) Acesso em: 14 nov. 2025.

KATAN, David. **Translating cultures: an introduction for translators, interpreters and mediators**. Manchester: St. Jerome, 2004.

KRAMSCH, Claire. **Context and culture in language teaching**. Oxford: Oxford University Press, 1993.

KRAMSCH, Claire. **Language and culture**. Oxford: Oxford University Press, 1998.

KRAMSCH, Claire. **Culture in foreign language teaching**. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/8B3QB3FB5Nv7KFZRmrXrS5H/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 nov. 2025.

LANGE, Dale; PAIGE, R. Michael (eds.). **Culture as the core: perspectives on culture in second language learning**. Greenwich, CT: Information Age Publishing, 2003. p. 237–270.

MALMKJAER, Kirsten (ed.). **Translation and language teaching: language teaching and translation**. Manchester: St. Jerome, 1998. p. 1-11.

MARTINS, Tainá Almeida Alves. **Cultura e ensino crítico de língua inglesa como língua internacional**. Estudos Linguísticos e Literários, n. 54, p. 182–205, 2016.

NORD, Christiane. **Translating as a purposeful activity**. Manchester: St. Jerome, 1997.

OLIVEIRA, Jossane Rodrigues de; SABOTA, Barbra. **Translinguagem e interculturalidade na educação linguística crítica: entre concepções e articulações**. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, Salvador, v. 6, n. 3, p. 384-406, 26 jan. 2021. Disponível em:

<https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/download/38392/24068>.

Acesso em: 14 nov. 2025.

PEREIRA, Danilo Neves. **O uso de contos em sala de língua inglesa: um estudo de leituras interculturais**. 2016. 162 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

PYM, Anthony. **Exploring translation theories**. London; New York: Routledge, 2010.

RISAGER, Karen. **Language and culture: global flows and local complexity**. Bristol: Multilingual Matters, 2006.

RISAGER, Karen. **Language and culture pedagogy: from a national to a transnational paradigm**. Bristol: Multilingual Matters, 2007.

VENUTI, Lawrence. **The translator invisibility: a history of translation**. 1ª ed. New York: Routledge, 1995